



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à agência Bloomberg

Palácio do Planalto, 26 de junho de 2008

Jornalista: Presidente, obrigada por conversar conosco. Eu queria começar pela questão do petróleo. O senhor disse há pouco que o Brasil vai se tornar o terceiro maior produtor mundial de petróleo. Temos essas novas descobertas. Qual é o tamanho dessas reservas?

Presidente: Eu não posso falar o tamanho das reservas. Primeiro, porque no Brasil é a Agência que anuncia oficialmente a quantidade de petróleo. Segundo, porque nós estamos em uma fase inicial de exploração. Em março do próximo ano nós começaremos a explorar o poço de Tupi. Nós sabemos, já dito pela Petrobras, que ele tem uma reserva de 5 a 8 bilhões de barris. Acabamos de descobrir um outro grande poço na Bacia de Santos, entre São Paulo e Paraná, e temos ainda toda a camada pré-sal a ser explorada. Eu acho que o Brasil vai se transformar em um grande produtor de petróleo. O que eu não quero é que o Brasil se transforme em um grande exportador de petróleo. Eu não tenho nenhuma ilusão – já tive, hoje não tenho mais – de que o Brasil participe da Opep, eu quero que o Brasil seja um exportador de derivados de petróleo. Que consigamos aqui no Brasil explorar esse petróleo, extrair, produzir derivados de petróleo e exportar para o mundo, que precisa. Nós também queremos aproveitar esse petróleo para construir no Brasil e consagrar a indústria naval brasileira, uma indústria petrolífera, alguma coisa que possa produzir a totalidade das nossas plataformas, das nossas sondas, dos nossos navios. Só neste momento, por conta dessa descoberta do petróleo, nós estamos contratando 200 navios até 2014. Eu penso que é um bom sinal para o Brasil. Alguém disse que Deus é brasileiro e eu disse: Deus



não apenas é brasileiro, como está morando aqui no Brasil agora, e parece que veio para ficar.

Jornalista: Presidente, depois eu quero voltar um pouco aos efeitos dessa descoberta. A gente não pode saber ainda o tamanho exato dessas reservas. Mas se, pelas pesquisas iniciais, o senhor acredita que o Brasil vai ser o terceiro maior produtor mundial, isso quer dizer que pelo menos as pesquisas iniciais mostram a possibilidade de triplicar o volume atual?

Presidente: Eu penso que as reservas deverão ser mais do isso até, por tudo que eu conheço até agora. Mas não tenho números exatos, não citaria números porque a especulação na Bolsa seria muito grande, e nós não temos interesse em viver de especulação, não dá certo viver de especulação. É só ver a crise do *subprime* que nós vamos perceber que especulação não ajuda, em lugar nenhum do mundo. Portanto, nós estamos muito cautelosos, é uma coisa muito promissora para o Brasil. Em março do próximo ano nós vamos começar a fazer a exploração definitiva do poço de Tupi, eu diria que é uma exploração experimental, vamos começar a tirar os primeiros 20 mil barris de petróleo, e vamos aprofundando até que a gente chegue a explorar o máximo que o poço permitir.

Jornalista: Já há uma idéia de quando a área pré-sal pode ser viável comercialmente?

Presidente: Nós estamos trabalhando de forma muito intensificada. O problema é que a indústria do petróleo está crescendo muito no mundo, a busca por petróleo é muito grande, e nós não temos os equipamentos que precisamos. Para alugar uma sonda, hoje, o custo é de US\$ 700 mil por dia, e não tem muita sonda para alugar. Por isso é que nós estamos alugando 12,



estamos contratando fora 12, estamos montando um esquema de produção de 38 sondas que nós precisamos aqui no Brasil, para que a gente possa explorar a totalidade do pré-sal.

Jornalista: O senhor acredita que o barril de petróleo vai permanecer caro o suficiente para compensar o volume de investimentos necessários a esse tipo de exploração?

Presidente: Eu acredito que sim. Mas a verdade é que existe uma exploração, no mercado futuro, com o petróleo. Não há nenhuma razão para o petróleo custar o preço que está custando, não existe nenhuma explicação. Se você for medir o custo de tirar o petróleo, seja de mil metros, de 2 mil metros, e levá-lo ao posto de gasolina para vender o diesel ou a gasolina, não precisaria estar a esse preço, poderia estar pela metade, que já estaria bom. A verdade é que tem gente especulando, dizem que é por causa do consumo da China, dizem que é por causa das reservas dos Estados Unidos, dizem muita coisa. A verdade é que nós temos consciência de que o petróleo não precisaria estar com o preço que está. Tem muita gente ganhando dinheiro com a especulação do petróleo.

Jornalista: O senhor acredita que esse quadro continua, para que se viabilize essa riqueza do petróleo?

Presidente: Eu acredito que o mundo vai se dar conta da irresponsabilidade que está sendo cometida neste momento, tanto por conta do petróleo, quanto por conta dos alimentos. Vamos ver quanto custa o aumento do petróleo no preço da produção de alimentos, seja no preço do frete para transportar alimentos – com o uso de combustível –, seja na produção de fertilizantes, que também precisa de derivados de petróleo. Isso precisa entrar na discussão, e



não entra. Eu estou indo agora para o G-8 exatamente para ver, com os meus amigos dos países ricos, mais a China, a Índia, o México e a África do Sul, se a gente pode discutir esse assunto. Essa é uma coisa extremamente importante.

Outra coisa é a questão dos alimentos. A verdade é que desde 2001 nós estamos consumindo o estoque regulador deste mundo. Foram 176 milhões de toneladas consumidas do estoque, e que não foram recolocadas no local. Em contrapartida, nesse mesmo período, o Brasil produziu 149 milhões de toneladas a mais, o que significa que o Brasil está cumprindo a sua parte. Agora, em alguns países do mundo, o governo paga para as pessoas não produzirem. As pessoas não se deram conta de que tem mais chineses comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais brasileiros comendo, mais latino-americanos comendo. Os pobres do mundo começaram a ter acesso à comida. Se para alguns países isso significa crise, eu tenho dito que para o Brasil isso significa uma grande oportunidade de se transformar, definitivamente, em um grande celeiro de produção de alimentos do mundo.

Jornalista: Não preocupa o senhor, incluindo essa descoberta, e a posição atual do Brasil incentivando a produção, que a economia do País se torne ainda mais dependente da volatilidade do mercado de commodities?

Presidente: Não. Eu penso que, na medida em que o Brasil se transforme em um grande produtor de alimentos e em um grande produtor de petróleo...O Brasil também tem uma boa base industrial. As pessoas, quando falam no Brasil, ainda tem gente lá fora que pensa que o Brasil é um país subdesenvolvido. A verdade é que nós somos um dos maiores produtores de celulares do mundo, somos um dos maiores usuários de internet do mundo, somos o terceiro produtor de aviões do mundo, o Brasil tem alta tecnologia. Obviamente que temos muitos problemas sociais que estamos tentando resolver, mas o dado concreto é que eu acho que o Brasil encontrou a sua



trilha, encontrou o seu caminho, e eu penso que não tem volta, daqui para a frente é só melhorar.

Jornalista: Voltando à questão das commodities. O senhor disse que vai levar ao G-8 a volatilidade dos preços e a questão do mercado de contratos, especificamente, não o mercado físico. O senhor já teve conversas anteriores com outros chefes de Estado, sobre essa questão? Há alguma medida possível a ser tomada?

Presidente: Nos últimos 12 meses eu tenho conversado muito com o presidente Bush, por telefone, tenho conversado com o Gordon Brown, por telefone, tenho conversado com a Ângela Merkel, tenho conversado com todos aqueles que têm influência na Rodada de Doha da OMC. Nós estamos deixando claro o seguinte: nós temos que olhar o mundo, neste momento, olhando a paz que nós queremos, olhando como evitar o conflito das imigrações, porque agora cada país está aprovando uma lei mais dura para punir os imigrantes, quando deveríamos pensar no que os países ricos podem fazer para ajudar os países pobres a se desenvolverem, a produzirem mais comida, mais produtos manufaturados. Quando esses países pobres tiverem um pouco de dinheiro, eles vão consumir a alta tecnologia dos países ricos e vão deixar de viajar para os países ricos à procura de uma oportunidade. Eu tenho tentado mostrar a eles que ou a Europa flexibiliza nos produtos agrícolas para que os produtos do Terceiro Mundo possam ir para lá, ou os Estados Unidos reduzem os subsídios e nós flexibilizamos proporcionalmente os produtos industriais, ou não tem acordo. E não tendo acordo significa continuar como está. E a continuar como está, a situação do mundo pobre pode piorar. A África, daqui a 30 anos, terá 1 bilhão e trezentos milhões de habitantes, e essa gente precisa trabalhar, precisa comer. Essa gente, daqui a pouco, estará atravessando os oceanos Atlântico e Pacífico a nado. Nós precisamos cuidar



de desenvolver essas regiões.

O Brasil tem provocado os países ricos a construir parcerias: Brasil-Estados Unidos, Brasil-Alemanha, Brasil-França, Brasil-Reino Unido, para quê? Para que juntos possamos investir em países africanos. Nós estamos com a nossa empresa de pesquisa, a Embrapa, na capital de Gana, em Acra, e já pesquisamos 17 países africanos. Achamos que a savana africana é um pouco parecida com o cerrado brasileiro - que há 30 anos diziam que não valia nada e hoje tem a maior produtividade de grãos deste País -, e achamos que poderemos transformar o continente africano em um grande continente produtivo. É isso que vai garantir o fim das guerras na África, o fim das guerras tribais. Democracia significa isso, democracia significa que eu tenho que ter o direito de gritar “eu estou com fome”, mas democracia é mais, democracia significa comer. E é isso que nós queremos.

Na conversa que tive com o presidente Bush lá em Camp David, eu disse a ele: é preciso que os Estados Unidos tenham uma nova política para a América Latina. Não estou falando nem do Brasil, eu estou falando da América Central, do Caribe, dos países que dependem quase que economicamente dos Estados Unidos. É preciso permitir que aqueles países se desenvolvam com investimentos americanos, com a implantação de indústrias americanas. Por exemplo, o etanol que os Estados Unidos estão querendo produzir, de milho, poderia ser produzido de cana-de-açúcar nos países da América Central. Nós iríamos industrializar os países, gerar emprego, renda, e tudo seria melhor. É isso que vai garantir que não tenha mais luta armada, que não tenha mais gente querendo chegar ao poder pela via da revolução. Mas todos acreditando que a democracia é o melhor caminho para as coisas acontecerem.

Jornalista: O presidente Bush está perto de deixar o cargo. Temos na concorrência o senador Barack Obama e o senador John McCain. Barack Obama já disse, com todas as letras, que não faz sentido para os Estados



Unidos trocarem o petróleo por etanol brasileiro. Como ficaria uma relação entre Brasil e Estados Unidos, em um possível governo Barack Obama?

Presidente: Eu acho que cada um, neste momento, faz discurso para os seus eleitores. Quando as pessoas tomam posse e assumem o cargo de presidente, começam a trabalhar em função da realidade. O que vai acontecer? Qualquer um que ganhe as eleições nos Estados Unidos, pode ser neste mandato, pode ser no próximo mandato, vai se dar conta do seguinte: o que é mais barato? O que gera mais emprego? O que pode garantir mais paz? O que pode garantir que a produção de uma nova matriz energética não crie problemas de conflito com a produção de alimentos? Aí, eles vão tomar a decisão. Eu estou convencido e posso te dizer que qualquer que seja o governo eleito nos Estados Unidos vai começar a utilizar o etanol da cana-de-açúcar. E não precisa prescindir, em um primeiro momento, do que eles estão fazendo, porque também cada um trabalha em função da sua realidade. E como eu sou defensor da soberania dos povos, cada governo tem soberania para decidir o que é melhor para o seu país.

Mas tem um momento em que a gente tem que pensar as decisões, no nosso país, com os reflexos que elas podem trazer para o mundo, e aí nós vamos ter que pensar bem. Eu estou convencido de algumas coisas: primeiro, a produtividade do etanol da cana é 126% maior do que a do milho. O custo do etanol da cana é 50% do custo do etanol do milho. Então, é tudo mais barato. É tudo mais barato com a garantia de que os Estados Unidos vão ser cercados por um contingente de países que estão vivendo em paz, que querem democracia e querem ter nos Estados Unidos um parceiro.

Jornalista: O que se levanta é que muito dessa inflação de alimentos vem exatamente do uso do milho, já que os Estados Unidos, como os maiores produtores mundiais em utilização do milho para o biocombustível, tira ou



encarece bastante o milho usado na ração animal e na alimentação em geral. Essa oportunidade criada por esse milho, uma vez que ele não seja usado para etanol, o senhor acredita que ainda vai haver oportunidade para o Brasil como produtor?

Presidente: Não é apenas isso. Eu acho que a questão do milho gera um efeito muito mais delicado nos países da América Latina, sobretudo, na América Central e no México, que têm o milho como base para a alimentação humana. Obviamente que da produção do etanol sobra o farelo do milho, que serve para ração animal. Mas de qualquer forma, em um primeiro momento, o milho pode ser uma das peças que podem contribuir para a inflação. Mas na minha opinião, o petróleo tem muito mais responsabilidade, e na minha opinião, tem o fato de nós estarmos comendo mais: tem mais chinês comendo carne, tem mais chinês comendo arroz, comendo trigo. Tudo isso, em uma demanda que está atrofiada, e nós começamos a gastar o estoque.

Eu digo sempre o seguinte: para alguns isso é problema, para o Brasil vai ser solução. Na próxima semana estaremos lançando no Brasil um grande programa de agricultura, tanto para a agricultura empresarial, quanto para a agricultura familiar. Nós temos competência de dobrar a nossa produção na agricultura familiar, produzir os alimentos para o povo, e não sofrer a inflação por conta dos alimentos. Até porque nós temos a obrigação de garantir que a parte mais pobre da população, seja do Brasil, dos Estados Unidos ou de qualquer parte do mundo, tenha garantido na sua mesa o alimento necessário à sua sobrevivência e a preços compatíveis com o seu poder de compra.

Jornalista: O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, disse que boa parte do aumento da produção agropecuária veio às custas do desmatamento. Como dar incentivo, aumentar a produção e garantir que pare o desmatamento na Amazônia?



Presidente: Tem muita gente que fala coisa muito séria e tem muita gente que fala muita bobagem a respeito da Amazônia, sem conhecer. Nós temos 360 milhões de hectares de terra que compõem a Amazônia. Ao mesmo tempo, nós temos quase 400 milhões de hectares para a agricultura. Desses, nós utilizamos 200 milhões de hectares para pasto. Nós temos 70 milhões de hectares de pastos degradados que a gente pode recuperar para produzir soja e cana, sem precisar derrubar uma única árvore da Amazônia.

Não é uma questão de terra, é uma questão de responsabilidade. Por isso o governo criou medidas muito duras contra qualquer pessoa que tente introduzir a produção, seja de soja, ou de cana, em áreas de preservação ambiental, sobretudo, em áreas da Amazônia. Agora, ao mesmo tempo, nós temos que ter a responsabilidade de entender que a Amazônia precisa se desenvolver.

Na região amazônica moram 25 milhões de pessoas que querem ter televisão, querem ter carro, querem ter telefone celular, querem passear, querem ter acesso aos bens materiais que todos nós temos, e nós precisamos tratar de ajudar a desenvolver essa região. Por isso é que nós, inclusive, estamos trabalhando a questão da indústria madeireira, desde que as pessoas cumpram a legislação que trata do manejo da floresta. É plenamente possível a pessoa derrubar uma árvore e colocar no lugar dela uma ou duas árvores, nós temos tecnologia para isso. O que nós não admitimos – e muitas vezes é difícil o controle, porque quando nós ficamos sabendo, pela fotografia de satélite, já aconteceu – é a irresponsabilidade de pessoas. Essas, nós temos que punir.

Agora, a verdade também é que quando eu viajo o mundo e vejo alguém falar muito da Amazônia, uma preocupação com a Amazônia, eu fico me lembrando que esses países que estão preocupados com a Amazônia desmataram as suas florestas há 100 anos. Não cumprem sequer o Protocolo de Quioto. Não diminuem a emissão de gases do efeito estufa. Não querem



diminuir por quê? Porque não querem mexer no padrão de consumo do seu povo. Ora, se eles não querem mexer no padrão de consumo do seu povo, significa que eles querem que nós fiquemos pobres? Não. O povo da América Latina, o povo do Brasil, o povo da África, quer melhorar de vida. Eu quero ter o mesmo padrão que tem o povo americano, o mesmo padrão que tem o povo europeu. Eu não nasci para ser pobre. Eu nasci para progredir.

Nós poderemos progredir de forma mais harmônica com o meio ambiente, nós poderemos ser mais civilizados, nós poderemos ter indústrias menos poluentes, nós poderemos mudar a matriz energética. O Brasil está fazendo a sua parte, por isso é que aqui no Brasil 45% de toda a energia brasileira é limpa, e na área de eletricidade 85% é limpa. Portanto, o Brasil, em vez de ficar recebendo conselho, tem autoridade para dar conselho de como fazer as coisas bem feitas no mundo.

Jornalista: O senhor acha que é possível frear completamente o ritmo de desmatamento?

Presidente: Eu acho que é possível diminuí-lo a um número aceitável, pelo grau de desenvolvimento do Brasil. Nós temos toda a legislação já pronta, aprovada e feita, estamos fazendo a modernização da nossa fiscalização. Hoje o Brasil tem o sistema de monitoramento de queimadas mais moderno do mundo, nós acompanhamos isso diariamente através do INPE e eu acho que nós estamos cumprindo com a nossa parte. Nós temos que utilizar a lei e ao mesmo tempo ter um processo educacional muito forte. Por quê? Porque nós queremos conscientizar o produtor agrícola brasileiro de que não desmatar a Amazônia é uma vantagem comparativa para os produtores brasileiros na hora de negociarem os seus produtos com o chamado mundo europeu, com os Estados Unidos e com os países ricos.



Jornalista: Voltando à questão agrícola. O senhor mencionou a Rodada de Doha, que o impasse continua. Neste momento, a chance de um acordo está mais perto ou mais longe?

Presidente: Eu trabalho com a chance de um acordo. Eu não sei por que, mas eu sou muito otimista. Acontece que nós temos as eleições nos Estados Unidos. Eu lembro que a última vez que eu conversei com o presidente Bush, eu disse: eu acho que todo mundo tem uma chance. Nós vamos ter que saber o seguinte: qual é a imagem que você quer passar para a história da presidência dos Estados Unidos? É a guerra do Iraque ou um belo acordo na Rodada de Doha, em que os Estados Unidos contribuam para o mundo pobre comer melhor e produzir mais? É essa a imagem. Eu acho que a questão não é mais econômica, a questão é política.

A França tem um problema eleitoral com os seus produtores agrícolas, a Alemanha tem. Em alguns países europeus, eles pagam para as pessoas não produzirem. Então, é preciso que a gente diga o seguinte: se vocês não querem produzir, ajudem o mundo, por exemplo, o continente africano, a produzir o que o mundo precisa. Tem boas condições. Agora, não fazer nada e ficar apenas consumindo petróleo é um desastre para a humanidade. Eu quero lembrar que com a produção de etanol e a utilização de etanol no Brasil, por todos os cálculos que os nossos especialistas têm feito, nós deixamos de emitir, desde quando começamos a política do etanol, 640 milhões de toneladas de CO² no ar. E quando nós plantamos a cana e o eucalipto, nós estamos seqüestrando CO², coisa que muitos países não fazem, só emitem. Quando as empresas começam a inventar Euro III, Euro IV, Euro V, cada vez mais colocando filtro sofisticado nos caminhões, vão tornando o preço dos caminhões quase inacessível para os motoristas autônomos. E nós estamos dizendo: em vez de ficar gastando dinheiro com novas tecnologias, utilizem o etanol, façam o biodiesel.



Veja que absurdo. Para extrair petróleo de 2 mil metros de profundidade, você precisa fazer uma plataforma que custa o equivalente a quase 2 bilhões de dólares e precisa ter uma sonda que custa mais quase 700 ou 800 milhões de dólares. Depois, você vai tirar esse petróleo, e isso gera poucos empregos. Quantos países têm tecnologia para produzir isso? Poucos países. Agora, se você for produzir biocombustíveis de forma bem organizada, fazendo um mapeamento do seu território com o que você pode plantar, onde é a área de alimentos, onde é área de biocombustíveis, você pode pegar um cidadão analfabeto que ele vai saber cavar um burquinho com a mão, plantar uma semente, e alguns meses depois colher uma semente que vai produzir o óleo não poluente que o mundo tanto precisa.

O Brasil está convocando um seminário importante para os dias 20 e 21 de novembro, no qual nós queremos ouvir os cientistas do mundo inteiro, nós queremos ouvir os especialistas, porque eu acho que nesse debate não pode ter paixão. Nele tem que ter razão, tem que ter sustentabilidade científica, para que a gente possa dizer: o caminho é este ou não é este. Se alguém me provar que um ser humano é capaz de produzir combustível para encher o tanque de um carro e não o alimento para encher o seu estômago, aí eu também serei contra o biocombustível. Mas o que é importante é que a gente faça os dois.

Jornalista: No Brasil, hoje, os carros consomem mais álcool do que gasolina. Uma ampliação dessa demanda internacional não coloca em risco o abastecimento interno?

Presidente: Não, nós temos muita coisa para fazer ainda. É importante saber o seguinte: desde quando nós começamos o nosso Programa, em 1975, até agora, nós mais que dobramos a produtividade por hectare. Cada vez mais nós temos plantas novas que produzem mais por hectare, que sofrem menos efeito de doenças. Esse problema não existe para nós. E graças a Deus, 87% dos



carros vendidos hoje no mercado interno são *flex fuel*. Se eu pudesse, cada vez que eu viajasse o mundo eu iria de *flex fuel*, para as pessoas perceberem o quanto é bom.

Nós fizemos um estudo, pelo Inmetro brasileiro, em que a gente prova – (comparando) um carro a álcool e um carro a gasolina, com o mesmo motor, andando à mesma velocidade, no mesmo percurso – que o carro a álcool emite 8,5 vezes menos CO² do que o carro a gasolina. Mais uma razão para as pessoas não terem medo do que é bom.

Jornalista: Essa tecnologia do *flex fuel* disparou o uso do etanol no País. O Brasil pretende, já tem acordos específicos para exportar essa tecnologia? A gente não vê o uso disso em outros países, muito pelo problema de distribuição do próprio etanol.

Presidente: Veja, eu acho normal que os países consumidores tenham medo, num primeiro momento. Eles querem certificação da qualidade do produto, querem garantia de que a gente vai entregar. Você não pode oferecer um combustível e depois ele faltar no posto de gasolina.

Então, tudo isso é um processo que está andando bem. Vai levar alguns anos ainda até que a gente possa construir, definitivamente, a parceria com os países que estão utilizando ou que querem utilizar. Ninguém vai começar a utilizar como o Brasil utiliza, porque nós já temos 35 anos de experiência. Alguns países vão começar introduzindo 3% de etanol na gasolina, outros vão começar com 10%. Vai chegar um momento, pode ser daqui a 10, 15 ou 20 anos, em que nós teremos uma participação maior do etanol na mistura com a gasolina, estaremos emitindo menos CO², estaremos desenvolvendo a agricultura em países não-desenvolvidos, e estaremos melhorando a vida da sociedade e garantindo que haja paz no mundo. Esse é o meu sonho, o meu desejo, e é isso o que eu quero fazer nesses próximos dois anos e seis meses



que eu tenho de mandato.

Jornalista: Voltando ao poluente maior, então. As áreas do pré-sal foram retiradas, a princípio, do processo de licitação e fala-se em estudos de um novo formato. Qual é o modelo que vai ser usado para conceder o direito de exploração?

Presidente: Isso é segredo de Estado. Esta é uma coisa que nós estamos discutindo com muito carinho, porque é uma grande chance para o Brasil. Mesmo empresas multinacionais e estrangeiras têm dado declarações, aqui no Brasil, de que nós devemos cobrar muito mais caro pela venda dos blocos. O nosso problema não é esse. O nosso problema, primeiro, é definir que benefícios essa riqueza que nós encontramos vai trazer para o povo brasileiro. Daí porque nós estamos discutindo, com muito critério, com muito cuidado, sem muito alarde, qual a proposta que vamos fazer. Na verdade, esse petróleo do pré-sal, uma grande parte dele é da União, e nós precisamos aproveitá-lo para desenvolver o País.

Se Deus me ajudar, eu quero fazer uma revolução na Educação, na Saúde. É a chance que os brasileiros pobres vão ter de se utilizar o dinheiro, e não ficar como aquelas pessoas que têm muito petróleo, com três, quatro relógios Rolex no bolso. Nós não queremos isso, nós não queremos essa riqueza para poucos. Nós queremos aproveitar essa riqueza para fazer com que o Brasil dê um salto de qualidade, ou seja, que grande parte da população que ficou fora do Brasil durante tanto tempo dê um salto de qualidade. Essa, sim, tem que gritar agora “o petróleo é nosso”. Não é da Petrobras, não é da Shell, o petróleo é nosso, e temos que tirar proveito disso.

Mas isso eu tenho que fazer com muito bom senso. Quando você assume o cargo de presidente de um país, cada vez que vai tomar uma



decisão conta até dez, depois reconta outra vez até dez, porque cada medida que se toma tem efeitos positivos e negativos, pode ser danosa, pode ser benéfica, e eu quero que ela seja benéfica. Eu acho que o Brasil tem uma grande chance, não apenas na questão do petróleo, mas também na questão de políticas de reflorestamento. Como é que se explica o Brasil não ser o maior país do mundo produtor de papel e celulose? Se aqui no Brasil, com seis anos a gente corta uma árvore, e na Finlândia leva 40 anos, nós poderemos cortar seis árvores, enquanto eles cortam uma. Então, essa política de reflorestamento, se for bem-feita, vai contribuir também para a gente cuidar do meio ambiente, para seqüestrar carbono, para contribuir com o mundo e, ao mesmo tempo, gerar empregos e desenvolvimento no Brasil.

Eu posso te garantir uma coisa: o Brasil amadureceu muito, o bom senso amadureceu, as pessoas evoluíram, as pessoas têm compreensão. De vez em quando algum adversário do Brasil fala: “o trabalho no corte da cana é duro, é quase um trabalho escravo”. É verdade, é um trabalho duro, mas não é menos duro do que o trabalho que foi feito nas minas de carvão, que desenvolveu a Europa no século passado, pessoas que trabalham a 90 metros de profundidade.

Nós, agora, estamos tentando fazer um acordo nacional para levar esse avanço do etanol para o trabalhador brasileiro. Nós queremos que ele tenha condições de trabalho. O que vai acontecer em médio prazo? Em médio prazo, do ponto de vista da produtividade, as empresas vão comprar máquinas e vão substituir os homens pelas máquinas. Isso tem que ser feito com um certo cuidado e com um certo critério, porque é verdade que o trabalho da cana é penoso, mas a verdade é que se eles não tiverem aquele trabalho, vão ser mendigos nas ruas de qualquer cidade deste País. Então, ao substituir o trabalhador por uma máquina, nós temos que formar esse trabalhador para que ele tenha oportunidade de trabalhar em outra atividade econômica.



Jornalista: O uso desses fundos, dessa receita extra com o petróleo, digamos assim, para a Educação, como o senhor mencionou... Como seria para a União? A União receberia esse dinheiro através de um fundo, seria sócia das empresas que estariam explorando?

Presidente: O que nós vamos fazer, no momento certo você vai saber. Por enquanto, nós estamos discutindo no governo, estamos discutindo com a Petrobras, depois vamos discutir com o Congresso Nacional, mas o dado concreto é que o petróleo é da União.

Jornalista: A mudança de regras fica só no nível da ANP ou será necessária mudança de legislação?

Presidente: Eu penso que o que for necessário mudar na legislação, nós vamos mudar. Essas coisas são assim. A Petrobras encontrou, acho que 15 ou 20 anos atrás, a maior reserva de petróleo do mundo no Iraque. Quando foi anunciado, o Iraque nos tomou, ou seja, não houve seqüência, o Brasil não pôde explorar. O petróleo é uma coisa tão forte, que todo país sabe a importância dele. É por isso que a Itália contratou um gasoduto da Rússia, no tempo da Guerra Fria, e ninguém se incomodou, porque a Itália precisava se desenvolver e precisava de gás. Então, cada país que tem petróleo tem que ter, primeiro, responsabilidade. Ninguém vai fazer loucuras porque tem petróleo. Nós temos que pensar os efeitos das nossas políticas no mundo inteiro. E eu posso te garantir: o petróleo não precisaria estar ao preço que está. Alguém está explorando o petróleo, como alguém está explorando, no mercado futuro, *commodities*. A impressão que eu tenho é de que alguns



especuladores, que especulavam no *subprime* e que perderam muito dinheiro, agora resolveram especular no alimento. Tem gente vendendo a produção de alimentos que vai ser produzida em 2010, 2011. Não é possível.

Jornalista: E o senhor vê uma forma de conter isso?

Presidente: Vejo. Primeiro, uma boa discussão. Normalmente, as pessoas não gostam de discutir esses assuntos, mas eu gosto de discutir, então vou lá para o G-8 com essa pauta. Querem discutir, vamos discutir, mas vamos discutir com seriedade, porque com seriedade a gente pode avançar. Eu sei que cada presidente tem seus compromissos políticos, tem sua base eleitoral, ninguém quer mexer em nada no seu país, está tudo arrumadinho. Eu digo sempre o seguinte: quando eu me reúno com a Europa, a impressão que eu tenho é de que eu estou conversando na casa de um casal recém-casado, a casa está arrumadinha, está tudo no lugar. Quando eles conversam comigo, é como se fosse a casa de uma família com dez filhos, está tudo fora do lugar. Então, eu quero arrumar a minha casa, e para arrumá-la é preciso que haja parceria dos países desenvolvidos.

Eu sou um otimista inveterado. No dia 23 de janeiro de 2003, depois que eu tomei posse, fui a Davos. Na volta, eu disse ao ministro Celso Amorim: Celso, nós podemos mudar a geografia comercial do mundo, nós podemos mudar. E hoje, o que está acontecendo no mundo? Hoje não se toma decisões importantes sem ouvir o G-20, porque ele passou a ser uma peça importante no xadrez da política mundial. Já não é mais o presidente americano ou a União Européia que tomam as decisões. Eles têm que saber que tem países importantes no mundo que estão crescendo, que tem uma China, que tem um Brasil, que tem uma Índia, que tem um México, que tem um país africano se consolidando democraticamente, descobrindo cada vez mais petróleo, ou seja,



tem mais artistas no palco, não tem só coadjuvantes.

Jornalista: Os artistas do palco, tem muitos que estão perdendo os prêmios que ganharam, não é? Nós vimos, também, nessa arrumação da casa: risco de recessão nos Estados Unidos; Europa preocupada com inflação e crescimento baixo; China com problema inverso, mas trabalhando arduamente para conseguir conter o crescimento; e, dentro do Brasil, taxas de juros altas competem pelos recursos por investimentos produtivos também. Qual é a estratégia para manter o ritmo de crescimento, com essa mudança drástica do cenário internacional e também um pouco do cenário de juros domésticos?

Presidente: Se eu pudesse dar conselho a alguém, eu diria a todos os governantes do mundo: neste momento de nervosismo, paciência, muita paciência, muita tranquilidade. Não há nenhuma medida precipitada a ser tomada por ninguém. Nós temos que calibrar cada passo que a gente der daqui para a frente, cada um cuidando do seu país, mas cada um pensando no reflexo das suas decisões no restante do mundo. Obviamente que os Estados Unidos pesam muito. A maior economia do mundo, na hora em que entra em recessão, causa problemas em todos os países do mundo, em uns mais e em outros menos. Por exemplo, no caso do Brasil, nós já tivemos 30% da balança comercial com os Estados Unidos, e hoje temos menos de 16%. Aumentamos muito com a América Latina, com a África, com os países asiáticos e, embora tenhamos crescido em média 20% ao ano, hoje os Estados Unidos representam menos na relação comercial com o Brasil, e a Europa também. Isso é um bom sinal. Por quê? Porque nós diversificamos os nossos parceiros. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto é que, no caso do Brasil, nós não vamos permitir que a inflação volte. Por isso, nós aumentamos o superávit primário em 0,5%, porque



é preciso garantir... A inflação, quando vem, não prejudica o rico, nem o poder público, ela prejudica o pobre, aquele que vive de salário, aquele que vai todos os dias comprar a carne e o feijãozinho para comer. E aí nós vamos controlar, vamos ser duros com quem quer que seja para evitar que o pobre sofra. Eu trabalhei muito tempo dentro de fábrica. Já vivi inflação, neste País, a 80% ao mês, já vivi inflação a 40% ao mês, e sei os efeitos disso numa pessoa que recebe um salário uma vez por mês. É desses que eu quero cuidar, prioritariamente, porque cuidando desses eu estarei cuidando do restante do País.

Jornalista: O Banco Central, no Relatório de Inflação, coloca que com a taxa de juros atual, com o cenário atual, a inflação ainda se mantém acima da meta para 2009-2010. O que mais pode ser feito? O Banco Central fica sozinho nos juros, para combater a inflação? O que mais pode ser feito?

Presidente: Não vai ficar sozinho, e em economia a gente não pode dizer o que vai fazer, porque senão não faz. Mas nós temos várias medidas a tomar, algumas já foram anunciadas. Mas quando você toma determinadas medidas, o efeito delas não é imediato. Elas levam mais ou menos cinco, seis, oito meses para começarem a surtir efeito. Nós temos consciência de que vamos controlar a inflação brasileira. Se você quiser, daqui a seis, oito meses, pode fazer uma entrevista comigo para a gente discutir a inflação brasileira, e eu vou te mostrar que ela estará controlada.

Jornalista: Está marcado, então.

Presidente: Nós não iremos brincar com a inflação.



Jornalista: O senhor teve duas reuniões com o Ministro para tratar desse quadro. Há planos, então?

Presidente: Duas? Eu me reúno três vezes por semana com o meu Ministro da Fazenda, a cada 15 dias eu convoco companheiros economistas para discutir, eu consulto muito as pessoas, e consulto gente que pensa diferente, que é para ver se a gente vai construindo um denominador comum, que encontre a solução. Como eu acho que não tem mágica, tem seriedade e tem também políticas previsíveis que você anuncia, estou tranqüilo com relação a isso.

Jornalista: Vai ser preciso restringir o crédito, que vem impulsionando... Vai ser preciso (inaudível)

Presidente: Nós precisamos ter consciência do seguinte: quando se tem uma economia crescendo, com uma demanda muito forte, e o processo produtivo não está acompanhando aquela demanda, a inflação é inevitável. Como nós também tivemos muitos investimentos em 2008... Quando uma fábrica está sendo construída... eu vou dar um exemplo. Nós estamos construindo dez fábricas novas de cimento. Enquanto a gente estiver construindo essas fábricas, elas são demanda, elas são consumo. Elas só vão ser oferta quando começarem a produzir. Então, nós estamos fazendo muitos investimentos que vão resultar em ofertas no próximo ano, daí porque um pouco da minha tranqüilidade. Às vezes eu tenho que tranqüilizar até os meus ministros. Nós temos que dar um tempo para a maturação das coisas. Se eu quiser mandar plantar feijão, agora, no Brasil, vou ter que esperar, no mínimo, quatro meses para colher. (inaudível) 90 dias, mas tem o tempo de plantar, tem o tempo de



colher. Nós estamos muito confiantes. Nós já sabemos todos os erros que aconteceram no Brasil, e não queremos que aconteçam outra vez.

Jornalista: Um estudo da Abdib coloca que os investimentos atuais e projetados para as obras incluídas no PAC, no plano de administração, estão um pouco abaixo do que é necessário para acompanhar o ritmo de crescimento do País. Por outro lado, vemos que fora o setor de telecomunicações, que é o setor privado que está colocando dinheiro, o dinheiro está vindo quase todo do setor público. O senhor vê o setor privado entrando mais fortemente nessa área de infra-estrutura, da qual depende quase todo o setor produtivo?

Presidente: É importante lembrar que só a Petrobras tem R\$ 228 bilhões para investir até 2012, é importante lembrar disso. É importante lembrar o que estamos fazendo de investimentos no setor energético, e é importante lembrar o que já foi feito. Nesses últimos seis anos nós fizemos 30% de tudo o que tem no Brasil de linhas de transmissão feitas nos últimos 123 anos. As pessoas ficam falando: “tem que investir mais”. Com que parâmetro? Desde 1975 que o Brasil não investia em infra-estrutura. Hoje, se você andar pelo Brasil, você vai perceber que em mais de 5 mil municípios brasileiros tem obras de infra-estrutura. Se você visitar as regiões metropolitanas de todas as capitais e conversar com os prefeitos, você vai ouvir que nunca houve tanto investimento para habitação e saneamento básico, porque nós achamos que isso significa geração de emprego e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Na verdade, nós estamos fazendo um processo de reparação da irresponsabilidade que os governantes da década de 60 e 70 fizeram neste País.

Jornalista: Tem capital privado junto? O capital privado está indo junto com o governo nisso?



Presidente: Tem muito capital privado, é só você ver. A indústria automobilística tem planos de investir 20 bilhões nos próximos anos. O setor siderúrgico está investindo. Nós trabalhamos com a idéia de começar a construir mais quatro siderúrgicas no Brasil. Nós estamos querendo fazer um trem de alta velocidade – São Paulo/Rio/Campinas –, e nós queremos que a iniciativa privada faça. Nós pretendemos, no começo do próximo ano, fazer licitação. Nós estamos construindo 4.700 quilômetros de ferrovias novas no Brasil. São milhares de quilômetros de estradas. Tudo isso, nós vamos começar a colher a partir de 2009. E precisamos fazer muito mais, nós sabemos que precisamos fazer muito mais porque, se o Brasil vai crescer, nós precisamos de muito mais investimentos.

Então, o investidor estrangeiro que não quiser ganhar dinheiro especulando, mas quiser ganhar dinheiro produzindo, o Brasil está se transformando em um apetitoso canteiro de obras para quem quiser contribuir com o Brasil.

Jornalista: O Fundo Soberano, essa economia extra que vem sendo feita, que se diz que vai para o Fundo Soberano, por enquanto 0,5% do PIB, até onde pode ir? Há uma meta?

Presidente: Eu acho a idéia genial, dei até os parabéns ao ministro Guido Mantega, porque ao mesmo tempo em que você aumenta o superávit, você tem uma reserva – que este ano vai chegar por volta de 14 bilhões de reais – que você pode utilizar para o superávit ou pode utilizar, se quiser, para ajudar em investimentos em empresas brasileiras no exterior. Nós não temos o limite, não temos até quanto vai chegar. Nós vamos testando e vamos aprimorando até a gente ter garantia de que o Fundo Soberano é uma solução extraordinária para resolver parte dos problemas dos investimentos do Brasil.



Jornalista: A decisão de para onde vai o dinheiro vai ser feita como e quando?

Presidente: Quando tiver necessidade dos grandes projetos. Por enquanto nós temos clareza de que o Fundo Soberano foi importante, porque na hora em que você começa a arrecadar mais, se você não tomar cuidado, as pessoas querem gastar mais. Isso vale para o governo, isso vale para você e isso vale para mim. Quando você chega em casa e fala: “meu salário aumentou”, toda a família quer que você gaste um pouco mais naquele mês.

Então, o que nós fizemos? Antes de as pessoas ficarem com apetite de gastar, nós dissemos: vamos tirar isso aqui, vamos tirar isso aqui para as pessoas saberem que não tem dinheiro para gastar.

Jornalista: A receita com petróleo também vai para esse Fundo?

Presidente: Não sei. Possivelmente, uma parte vá.

Jornalista: O senhor mencionou gastos. É uma crítica bastante corrente ao governo o aumento de gastos do governo brasileiro no seu mandato. Há, claro, os gastos que são necessários, há os gastos sociais. Tem onde cortar mais?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa. Eu não tenho muita concordância com esse discurso porque em um país do tamanho do Brasil, se você quiser melhorar a saúde, se você quiser melhorar a educação, se você quiser melhorar o controle ambiental, se você quiser fazer as coisas que precisam ser feitas, vai ter que contratar muito mais gente, vai ter que pagar muito mais salário.

O Brasil é um país em que o servidor público ganha mal, muito mal, e se exige muito dele. Aqui no Brasil, o salário de um técnico altamente competente



é de 12 mil reais. O presidente do Banco Central ganha menos de 10 mil reais. Então, o que você precisa? Se você quiser que a máquina pública tenha bons quadros, você tem que pagar um bom salário. O que está acontecendo neste instante? As empresas privadas estão mapeando cada grande funcionário público que tem, sobretudo, os engenheiros da Petrobras, e estão levando pessoas que ganham 20, vinte e poucos mil reais, para ganhar 40, 50, 60, 70, 80 mil, que o Estado não pode pagar.

Eu vou te dar um exemplo concreto: nós estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais novas no Brasil. O dado importante é que de 1909 a 2003, o Brasil fez 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos fazer 214 escolas técnicas. Eu preciso de professores, eu preciso de escolas, de prédios, eu preciso de técnicos, eu tenho que contratar gente. Nós estamos fazendo 10 universidades federais novas e 48 extensões universitárias. Eu preciso de professores, eu preciso de técnicos. E aí, alguém diz: “mas está contratando muita gente”. Mas tem que contratar. Se eu quiser retribuir os impostos que a sociedade paga oferecendo bons serviços, eu tenho que ter gente para atender essas pessoas. E assim vale para a saúde, assim vale para a educação, onde nós estamos fazendo muita coisa.

Na educação brasileira tem uma pequena revolução. Agora saíram os índices da educação. Está melhorando a educação, sobretudo, no ensino fundamental. Eu lembro que em 2005 eu queria fazer a Olimpíada da Matemática e as pessoas diziam que não era possível fazer, porque aluno de escola pública não participava. Sabe quantos alunos se inscreveram este ano? Dezoito milhões e 300 mil alunos se inscreveram para participar da Olimpíada da Matemática. Então, eu penso que o que é importante e o que eu queria que você levasse do Brasil nesta reportagem é o seguinte: o Brasil recuperou a sua auto-estima, o Brasil está acreditando em si mesmo. O Brasil quer ajuda de todo mundo, mas nós sabemos que a maior ajuda que nós precisamos é nós mesmos confiarmos que somos capazes de transformar este País em um



grande País, em uma grande economia. E ele só será uma grande economia quando tiver muita justiça social.

Jornalista: Presidente, há quatro anos eu estive nesta sala com o senhor, e na época o senhor disse que o dólar a R\$ 2,74 era preocupante. Nós temos o dólar hoje já sendo negociado até abaixo de R\$ 1,60. O senhor vê risco para a competitividade?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa. Aqui no Brasil, as pessoas falavam o seguinte: “O dólar não pode baixar de R\$ 2,70”. Aí passava um mês: “O dólar não pode chegar a R\$ 2,60; o dólar não pode chegar a R\$ 2,00; o dólar não pode chegar a R\$ 1,90”. Bom, está a R\$ 1,60”. Agora é importante que a gente diga por que o dólar está baixo. Não é que o real esteja valorizado, é o dólar que está desvalorizado. Talvez o dólar desvalorizado resolva o problema da balança comercial americana, talvez resolva parte do déficit fiscal do governo americano, mas não ajuda o mundo em desenvolvimento, não ajuda. Como eu acho que a economia americana tem fôlego e tem substância para voltar a crescer rapidamente, eu acho que o dólar vai se ajustar e nós vamos voltar a uma certa normalidade cambial.

Jornalista: Dentro ainda do setor financeiro, mas fora da questão cambial. O Banco do Brasil vem se fortalecendo, comprando outros bancos. Nós temos agora um acordo possível de compra da Nossa Caixa. Essa política de expansão, de fortalecimento do Banco do Brasil traz alguma ajuda à política econômica? Qual é o objetivo, talvez criar um único banco, uma fusão com a Caixa Econômica?

Presidente: Primeiro, é um banco que tem 200 anos de existência. E se a gente não compra determinados bancos, os bancos privados compram e o



Banco do Brasil perde a sua importância no cenário financeiro brasileiro. Como o Banco do Brasil é um banco que tem um forte financiamento... Só para você ter idéia dos números: no final de 2002 o Brasil tinha 300 bilhões de reais de crédito. Hoje, só o Banco do Brasil tem 200 bilhões, e o Brasil ultrapassou 1 trilhão de crédito. Isso, obviamente, fomenta muito, e nós vamos continuar fazendo o Banco do Brasil crescer.

A Caixa Econômica, só para você ter idéia: este ano, quando chegar o dia 31 de dezembro, ela terá financiado mais habitação do que em todo o meu primeiro mandato e do que em todos os mandatos dos outros presidentes. Então, nós queremos que o Banco e que a Caixa cresçam. Eles têm finalidades diferentes, especialidades diferentes, nós não queremos misturar a Caixa com o Banco do Brasil. Cada um se especializou em uma área e nós vamos trabalhar para que eles cresçam cada vez mais. Por quê? Porque crescendo e se fortalecendo, eles também ajudam a balizar a taxa de juros no Brasil.

Jornalista: Presidente, a questão política. O senhor disse que a ministra Dilma está sob ataque, neste momento, por ser a sua favorita para sucedê-lo, e ainda faltam dois anos. Uma possível candidatura dela sobrevive a esses ataques?

Presidente: Primeiro, eu não disse que é por que ela vai me substituir. Eu não escolhi candidato ainda, as más línguas é que dizem isso. A segunda coisa é que no Brasil, de vez em quando, o denunciismo é tão exagerado, que nem quem denuncia acredita no que está denunciando. Então, essas coisas criam um nervosismo na sociedade, mas ninguém acredita. Dizer que a ministra Dilma estava fazendo um dossiê é de uma irracionalidade impensável. Agora, dizer que a Dilma teve alguma coisa na questão da VarigLog, quando foi uma decisão eminentemente judicial: então, eu acho que os adversários começam a perceber que a Dilma tem possibilidade, porque não se sabe se ela vai ser coisa alguma, porque são os partidos que indicam, não é o presidente da



República. Se bem que eu pretendo estar bem para ter um peso na hora da escolha do sucessor. Eu acho que a Dilma tem demonstrado uma capacidade de gerenciamento como poucas vezes este País teve, como poucas vezes.

Eu estou tranquilo, acho que é precipitado começar a discutir 2010 agora, muito precipitado. Eu tenho mais dois anos e seis meses de governo e quero trabalhar. Vou pensar em eleição, na minha sucessão, a partir do final do ano que vem, e vou trabalhar para eleger o meu sucessor, obviamente. Agora, quem vai ser, só Deus é que pode dizer.

Jornalista: Presidente, só para encerrar. Até a primeira eleição, as políticas defendidas pelo senhor eram temidas pelo mercado financeiro. Hoje o quadro virou bastante e são muitos, até antigos aliados, que criticam hoje iniciativas suas, do seu governo. O que mudou? Foi o senhor quem mudou?

Presidente: Eu acho engraçado quando alguém faz uma crítica dizendo: “mas, Presidente, os banqueiros estão ganhando dinheiro”. Eu tenho dito para eles que os banqueiros ganhando dinheiro são menos prejudiciais ao País do que quando eles perdem dinheiro, porque quando eles perdem dinheiro o Banco Central tem que fazer intervenção e bancar para que eles não quebrem. Então, eu prefiro que eles ganhem dinheiro. A verdade é que o empresário está ganhando dinheiro no Brasil, todos os empresários, muito dinheiro. E eu quero que eles ganhem dinheiro, porque ganhando dinheiro eles vão fazer novos investimentos, vão contratar novos trabalhadores, e pelo fato de eles estarem ganhando dinheiro, os trabalhadores vão fazer acordos salariais melhores e vão ter ganhos, aumento real. É tudo o que eu quero na vida: que os trabalhadores melhorem os seus salários e que os empresários ganhem dinheiro, porque aí o Brasil vai progredir, definitivamente.

Eu não acho que haja muita contradição entre o que eu falava ontem e o que eu falo hoje. É que quando eu era candidato o meu mundo era um, quando



eu era metalúrgico, o meu mundo era a metalurgia, era o meu sindicato. Quando eu me torno presidente do Brasil, eu tenho que olhar para o trabalhador sem terra e para a agricultura empresarial; eu tenho que olhar para a agricultura familiar e para o agricultor do agronegócio; eu tenho que olhar para uma empresa de 10 trabalhadores e para uma empresa de 20 mil trabalhadores, eu tenho que pensar no Brasil. E o meu papel como presidente, embora todo mundo saiba que eu tenho como prioridade a ascensão dos pobres neste País, o que eu quero, na verdade? Eu quero que haja harmonia entre todos os segmentos da sociedade, este é o meu papel, porque quanto mais harmonia nós tivermos, quanto mais crença as pessoas tiverem no próprio País, mais chance nós teremos de nos transformar em uma grandiosa nação, economicamente e socialmente, e é por isso que eu faço o que faço.

Jornalista: Presidente, muito obrigada.

Presidente: Obrigado a você. E um compromisso: daqui a seis meses vamos discutir inflação, outra vez.

Jornalista: Combinado, estaremos aqui.

(\$31DHJMP)